

Collor ganha adesão de 40 deputados

Na reta de chegada da campanha, candidato aceita apoio até de antigos rejeitados

LUCIANO SUASSUNA

O candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, precisou de apenas duas horas para formalizar, ontem, o maior bloco de adesões de parlamentares à sua campanha. Eram 12 horas, quando o candidato chegou à residência do deputado Flávio Rocha (PRN-RN), no Lago Sul, em Brasília, para um encontro com 70 deputados. Além dos 21 integrantes da bancada do PRN na Câmara e de deputados de outros partidos que já havia colhorido há mais tempo, foram ao encontro de Collor, o líder do PTB na Câmara, Gastone Righi, o deputado Daso Coimbra, que ajudou a formar o "Centrão" na

Constituinte, e o primeiro vice-presidente da Câmara, Inocêncio Oliveira, que tentou colhorir em agosto, mas teve seu apoio rejeitado.

O almoço havia sido programado para reunir 40 pessoas, mas o bloco dos interessados em aderir à campanha superou as expectativas dos organizadores. Na chegada, Collor cumprimentou os parlamentares e, em seguida, dirigiu-se à suíte da casa, improvisada em escritório. Para surpresa dos engravatados deputados ele vestia uma calça jeans e uma camisa de tear.

A fila de parlamentares ia da suíte à sala de visitas. Em rápidas audiências de menos de cinco minutos, Collor ouviu queixas de problemas regionais e foi perguntado sobre a candidatura do apresentador Sílvio Santos. "Ele não me preocupa", afirmou a um deles. "Não vai ter tempo para mudar o quadro."

Às 14h15, quando deixou o local do encontro para embarcar para o interior de São Paulo no hangar da Líder Táxi Aéreo,

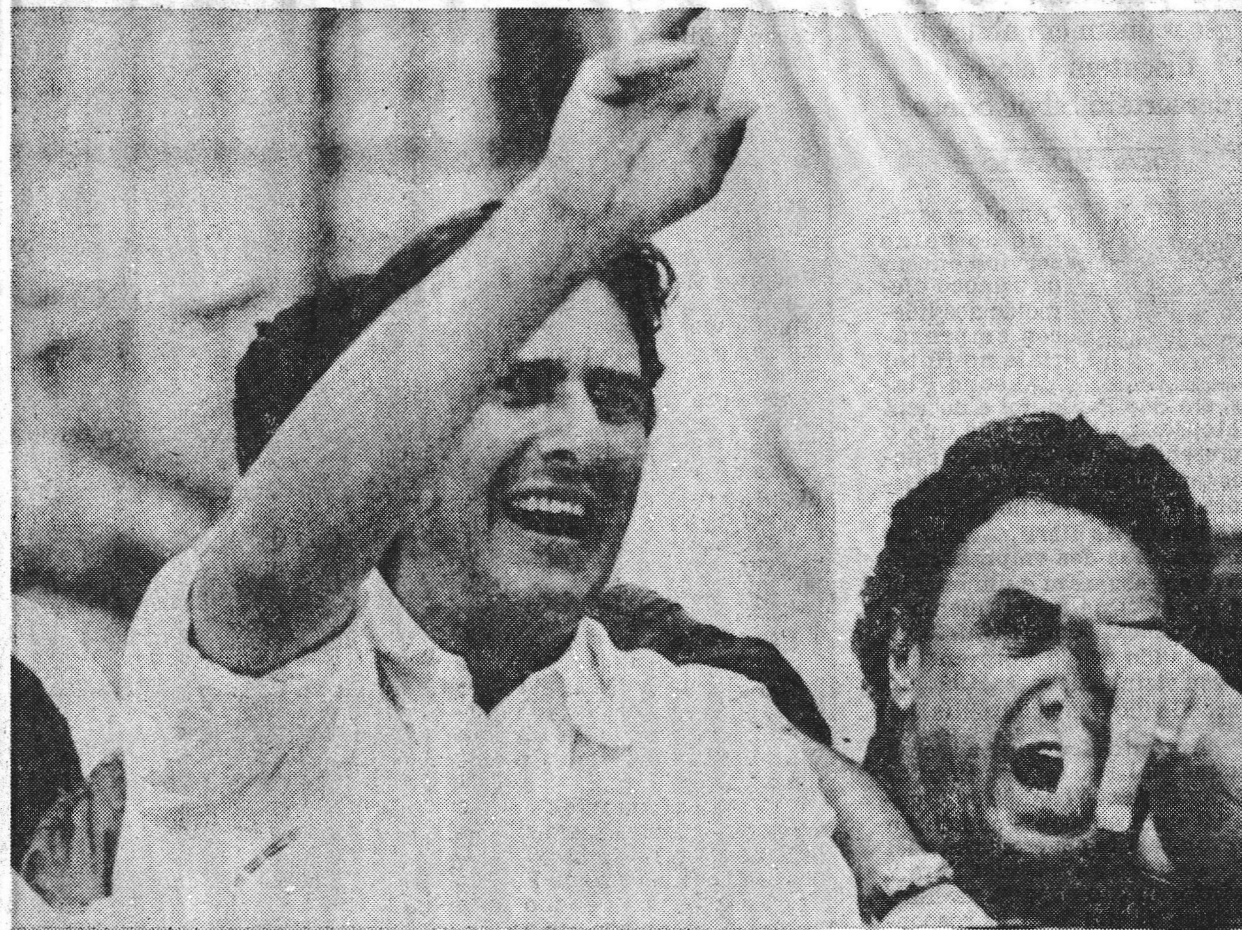
Collor tinha confirmado adesões de deputados como o ex-malufista Maluly Neto, o petebista Roberto Jefferson, ou o vice-líder do PFL na Câmara Paes Landim. "A conversa foi melhor do que o esperado", comentou, após o encontro, o deputado Oswaldo Coelho (PFL-PE).

ACIDENTES AÉREOS

Na reta de chegada da campanha, o candidato do PRN está arriscando tudo — até a sua própria segurança. Em uma semana, Collor percorreu 39 cidades e em pelo menos três ocasiões passou muito próximo de um acidente aéreo. Há 10 dias, seu helicóptero decolou de Taubaté, na região do Vale do Paraíba, em São Paulo, sob uma tempestade de granizo. Inclinou-se para a esquerda e subiu torto assustando os passageiros. Collor estava impassível. Os cubos de granizo martelavam o helicóptero, aumentando a tensão. "Parecia que estávamos sendo metralhados", conta um dos passageiros.

Dois dias depois deste episódio, Collor chegou a Teresópolis, no Rio de Janeiro, quando já entardecia. Sem condições de pouso, o piloto quis saber se podia desistir. "Vamos descer", comandou o candidato, num helicóptero com 11 passageiros. O piloto levou meia hora procurando um local para pouso. Já estava escuro e começava a se formar uma neblina, quando o empresário Paulo Octávio, que mantinha o rosto colado no vidro à procura de um lugar seguro para a aterrissagem, gritou eufórico: "Achei, achei". Ele tinha acabado de avistar um campo de futebol.

O terceiro susto aéreo de Collor se deu em Teófilo Otoni (MG), na quinta-feira. O candidato determinou que o piloto aterrissasse à noite numa pista sem iluminação para pousos noturnos. Na emergência, os faróis dos carros que o aguardavam serviram para iluminar a pista. A decisão de Collor, porém, se baseou num precedente político perigoso. Na véspera, ele não conseguiu descer em Foz de Iguaçu por causa do mau tempo. Frustrados, os eleitores promoveram um pequeno quebra-quebra no aeroporto e o prefeito da cidade passou o dia seguinte reclamando do cancelamento do comício. Pressionado, o candidato resolveu marcar um novo comício para o dia 12 de novembro e decidiu descer em qualquer cidade — mesmo que precise arriscar sua vida.



Marcos Fernandes/AE

Collor, em campanha no interior de São Paulo: três sustos aéreos em uma semana